All That Jazz, de Bob Fosse (1979)

Sangue, suor e lágrimas

All That Jazz é a primeira escolha deste ciclo, um que será dedicado, amplamente falando, à *performance;* e apesar do enquadramento perfeito, porque no seu âmago trata esse mesmo tema, tê-lo aqui inserido é pura casualidade; porque já há muito o tínhamos assinalado para projecção, e haveria de cá estar sob este ou outro tema qualquer.

Sem que seja necessário extrapolar demasiado, podíamos estudá-lo na diluição que faz entre o real e o imaginário, uma dimensão que automaticamente nos remete ao imaginário de Fellini (o seu 8½ é uma referência); ou do estudo completo que faz da obra criada partindo directamente da experiência do seu autor. Acima de qualquer um desses ângulos, está o retrato fidedigno e realista do processo artístico nesta indústria, e um tremendo filme que pode perfeitamente ser o apogeu da forma de musical.

Bob Fosse nunca aparece no filme, mas Roy Scheider empresta-lhe o seu corpo — de resto, quase tudo vem directamente levantado da vida do realizador: *All That Jazz,* sobre um encenador de musicais que tem, ainda, que editar o seu filme, emula um período concreto na vida de Fosse, quando a edição de *Lenny* (sobre o comediante Lenny Bruce) se sobrepôs à encenação de *Chicago*, na Broadway.

Os três filmes que veremos no ciclo jogam, a vários níveis, com a relação entre autor e a sua arte; e os primeiros dois são exemplo de como o cinema de Hollywood encontrou novos caminhos, na década de 70, para construir uma nova linguagem. Na altura já se sabia, mas o tempo confirmou as influências europeias (muito francesas) do estilo; os americanos juntaram-lhe a sua ímpar capacidade de contar histórias.

Neste caso, Fosse tem uma que é a dele próprio; os primeiros vinte minutos, na excelente exposição produzida pela montagem, adiantam um retrato completo deste homem. Tudo o resto é espectáculo e encenação: a vida como obra. *It's showtime, folks!*

"Are we in Joe Gideon's head? Is this entire film an extended deathbed flashback? Is it something else entirely? We don't know. It doesn't matter that we don't know. The film is not logical. The film is about feelings. It's about music. It's about detail. It's about sensation. We're gliding along, dancing along. Like the dancers onscreen. Certain gestures repeat. Certain motions repeat."
MATT ZOLLER SEITZ, sobre ALL THAT JAZZ

Alexandre Pinto
http://ocoprofago.wordpress.com